

# Tópicos cénicos e inversão locativa: Os casos do inglês, francês e português europeu<sup>1</sup>

Joana Teixeira

CLUNL, FCSH - Universidade NOVA de Lisboa

## Abstract:

This paper seeks to show that languages with distinct degrees of word order flexibility, like English, French and European Portuguese (EP), only permit locative inversion (LI) with preverbal XPs which are stage topics. This is argued to be both a necessary and sufficient condition for an XP to be admitted in LI. In addition to the structures typically classified as LI, “absolute inversion” in French, “free” inversion in wide-focus contexts in EP, and inversion structures with participial and adjectival phrases in English and French are argued to be licensed by (c)overt stage topics and, thus, constitute forms of (covert) LI.

**Keywords:** locative inversion, syntax-discourse interface, stage topic

**Palavras-chave:** inversão locativa, interface sintaxe-discurso, tópico cénico

## 1. Introdução

Línguas com distintos graus de flexibilidade de ordem de palavras como o português europeu (PE), o inglês e o francês têm em comum o facto de permitirem um tipo de inversão sujeito-verbo tipicamente designado por “inversão locativa” (IL), em que o sujeito ocorre em posição pós-verbal, enquanto um XP locativo é anteposto, como em (1).

---

<sup>1</sup> A investigação conducente a este artigo foi desenvolvida no âmbito do projeto de doutoramento “L2 acquisition at the interfaces: Subject-verb inversion in L2 English and its pedagogical implications”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (ref.<sup>a</sup> PD/BD52263/2013). Agradeço a todos os falantes nativos de inglês, francês e PE que consultei na elaboração deste trabalho, em particular a Célia Caravela, Elyse Jamieson, Jordan Person e Romance Porrot, pela sua disponibilidade para partilharem comigo os seus juízos sobre inversão locativa. Agradeço ainda a Ana Madeira, aos revisores anónimos deste volume e às audiências do VII *Encuentro de Gramática Generativa* e do XXXI *Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* pelos seus comentários a versões anteriores deste trabalho. Todos os erros são naturalmente meus.



- (1) a. Na floresta vive uma família de ursos.<sup>2</sup> (PE)  
b. In the forest lives a family of bears. (inglês)  
c. Dans la forêt habite une famille d'ours. (francês)

Nas últimas décadas, a investigação sobre IL tem-se debruçado essencialmente sobre as propriedades dos verbos e sujeitos pós-verbais admitidos neste tipo de construção. Estudos sobre diversas línguas do mundo têm mostrado consistentemente que o sujeito pós-verbal tem de ser interpretado como parte do foco em estruturas de IL (cf., e.g., Bresnan, 1994, para o inglês e chichêwa; Culicover & Winkler, 2008, para o inglês; Cornish, 2005, para o francês; Sheehan, 2007, para o PE, espanhol e italiano) e que as (sub)classes de verbos que admitem esta inversão variam interlinguisticamente. Por exemplo, em inglês e francês, a IL apenas ocorre com verbos inacusativos que expressam existência ou aparecimento (2a-d) e, em alguns contextos, com verbos inergativos (3a-d) (cf. Levin & Rappaport Hovav, 1995; Cornish, 2005). Em PE, pelo contrário, a IL é possível com todos os tipos de verbos intransitivos (2e-f; 3e-f) e ainda com verbos transitivos (4) (cf. Pereira, 1998).

- (2) a. On the horizon appeared a ship.  
b. \*In the kitchen broke a glass.  
c. À l'horizon a apparu un bateau.  
d. \*Dans la cuisine s'est brisé un verre.  
e. No horizonte apareceu um navio.  
f. Na cozinha partiu-se um copo.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Este estudo inclui exemplos com três tipos de origem: (i) intuições de falantes nativos por nós consultados, (ii) publicações escritas por falantes nativos e (iii) estudos prévios sobre IL. Todos os exemplos emprestados de trabalhos prévios sobre IL são acompanhados de uma referência ao estudo de onde foram retirados. Do mesmo modo, todos os exemplos retirados de publicações fora do âmbito da Linguística (e.g. artigos de jornal, contos) são acompanhados da referência completa do livro ou do sítio da internet onde foram encontrados. Os exemplos sem qualquer referência entre parêntesis foram criados por nós e discutidos com falantes nativos das línguas em questão. Quer os exemplos do tipo (i), quer os do tipo (ii) são originais deste trabalho.

<sup>3</sup> Nestes e noutros exemplos são usados predominantemente sujeitos indefinidos, uma vez que, como observado por Lambrecht (1994), os indefinidos tendem a ser interpretados como informação não pressuposta (foco). Esta é, contudo, uma tendência e não uma necessidade absoluta, tal como o seguinte exemplo ilustra:

- (1) No horizonte apareceu a nau de Vasco da Gama.



- (3) a. In the aquarium swim many fish.  
 b. \*Next to our table vomited a boy.  
 c. Dans l'aquarium nagent des poissons.  
 d. \*À côté de notre table a vomi un garçon.  
 e. No aquário nadam muitos peixes.  
 f. Junto à nossa mesa vomitou um rapaz.
- (4) Neste hotel recebeu o rei os seus convidados. (retirado de Pereira, 1998: 1)

Dado que a investigação sobre IL tem dado pouca atenção às propriedades dos XPs antepostos, permanece em aberto a seguinte questão: Que condições deve um XP satisfazer para ser admitido na posição pré-verbal de estruturas de IL? É esta a questão a que o presente artigo pretende responder, com base na análise de três línguas SVO, com diferentes graus de flexibilidade de ordem de palavras: (i) o *PE*, uma língua de sujeito nulo consistente<sup>4</sup>, que admite a inversão dita “livre”; (ii) o *francês*, uma língua de sujeito obrigatório<sup>5</sup>, que permite inversão sujeito-verbo num número limitado de contextos, como IL, interrogativas parciais, orações adverbiais, entre outros (cf. Riegel *et al.*, 1994; Jones, 1996; Lahousse, 2003, 2011, para uma lista completa); e (iii) o *inglês*, uma língua de sujeito obrigatório que apenas admite a ordem VS em estruturas de IL e construções com o sujeito expletivo *there* (e.g. *there appeared a ship on the horizon* ‘EXPL apareceu um navio no horizonte’).

Na literatura sobre IL, é possível identificar duas perspetivas opostas relativamente às propriedades dos XPs pré-verbais. De acordo com uma perspetiva sintática, seguida, por exemplo, por Bresnan (1994) e Coopmans (1989), para o inglês, Cornish (2005), para o francês, e Sheehan (2007), para o PE e outras línguas românicas de sujeito nulo, estes XPs são argumentos

<sup>4</sup> As línguas de sujeito nulo consistente permitem sujeitos nulos referenciais e expletivos, distinguindo-se, assim, de línguas de sujeito nulo parciais, que admitem sujeitos nulos expletivos, mas não referenciais.

<sup>5</sup> As línguas de sujeito obrigatório não admitem nem sujeitos nulos referenciais nem expletivos nulos.



locativos do verbo. Esta proposta é, contudo, infirmada por frases como (5), em que os XPs pré-verbais são adjuntos e, ainda assim, admitem IL.

- (5) a. Precisely at nine o'clock came the Princess in the carriage with four horses.  
(Lang, Andrew (ed.) (2014) *The blue mountains*. London: Sovereign Classic, p. 11)  
'Precisamente às 9 horas veio a Princesa na carruagem com quatro cavalos'
- b. Plus tard sont arrivés des gens de divers groupes hema «dans le graben du lac».  
(Thiry, Edmond (1996) *Une introduction à l'ethnohistoire des Himas du sud, Haut-Zaire*. Tervuren: Musée royal de l'Afrique centrale, p. 62)  
'Mais tarde chegaram pessoas de diversos grupos hema à fossa do lago'
- c. Ao fundo do quintal ladravam os cães da Dona Maria.

De acordo com uma perspetiva alternativa, a chave para se compreender as propriedades dos XPs pré-verbais encontra-se no domínio pragmático-discursivo. Alguns autores, como Birner e colaboradores (e.g. Birner, 1994, 1996; Birner & Ward, 1998; Ward *et al.*, 2002), têm advogado que, pelo menos em inglês, os XPs antepostos correspondem a informação que é comparativamente mais ou tão familiar no discurso quanto aquela veiculada pelo sujeito pós-verbal. Outros autores, por seu lado, têm defendido que estes XPs são tópicos (e.g. Stowell, 1981; Rizzi & Shlonsky, 2006). Recentemente, uma proposta alternativa foi apresentada por Lahousse (2003, 2007, 2011) para dar conta das propriedades dos XPs pré-verbais admitidos em francês, segundo a qual estes são tópicos cénicos (*stage topics*) (TopCs).

Com vista a contribuir para este debate, o presente trabalho pretende (i) descrever e analisar as propriedades dos XPs pré-verbais permitidos nas estruturas de IL em inglês, francês e PE e (ii) explicar as diferenças existentes entre as três línguas. Partindo do trabalho de Lahousse (2003, 2007, 2011) para o francês, defenderemos que os XPs pré-verbais em IL são TopCs não só nesta língua, mas também em PE e inglês, e que ser TopC é uma condição necessária e suficiente para um XP ser anteposto neste tipo de inversão.

Este artigo está organizado do seguinte modo. A secção 2 define o conceito de TopC, que é



central para a nossa análise. Na secção 3, apresentamos vários tipos de evidência empírica a favor da proposta de que os XPs pré-verbais em estruturas de IL são TopCs em inglês, francês e PE. Mostramos ainda que nenhuma das outras propostas avançadas na literatura consegue dar conta de todos os dados interlinguísticos. A secção 4 propõe possíveis explicações morfossintáticas para as diferenças existentes entre as três línguas em estudo. Por fim, na secção 5, serão apresentadas as principais conclusões do artigo.

## 2. O que são tópicos cénicos?

A noção de tópico cénico foi proposta por Erteschik-Shir (1997, 1999, 2007), tendo, em parte, por base o trabalho de Kratzer (1989) sobre argumentos espaço-temporais. No seu modelo de estrutura informacional, Erteschik-Shir distingue dois tipos de tópicos: (i) o tópico individual (TopI) (em inglês, *individual topic*), e (ii) o tópico cénico (TopC) (em inglês, *stage topic*). Seguindo Strawson (1964) e Reinhart (1981), a autora define TopI como um tópico que corresponde àquilo/àquele de que fala a frase. Por seu lado, o TopC é definido como um tipo de tópico que especifica a localização espacial e/ou temporal do evento expresso pela frase. Erteschik-Shir defende que os TopCs não são admitidos por todos os predicados. Assumindo com Kratzer (1989) que os predicados se subdividem em duas classes – aqueles que expressam propriedades e eventos temporários (*stage-level predicates*) e aqueles que expressam propriedades e características mais permanentes (*individual-level predicates*) –, a autora advoga que só os primeiros coocorrem com TopCs<sup>6</sup>. Esta hipótese é, porém, contrariada por frases como (6), que demonstram que predicados de nível individual como “adorar” ou “detestar” também são compatíveis com este tipo de tópico.

- (6) No ano passado, o João leu um livro de Chomsky. [Desde então]<sub>TopC</sub> adora / detesta linguística. (baseado em Lahousse, 2003: 130)

<sup>6</sup> Tem sido observado que vários fenómenos gramaticais são sensíveis à distinção entre predicado de nível cénico e de nível individual (cf. Kratzer, 1989). Por exemplo, só predicados de nível cénico são permitidos como complementos oracionais de verbos perceptivos:

- (1) a. Eu vi o Pedro bêbado / beijar a Maria.  
b. ??Eu vi o Pedro inteligente / detestar a Maria.



Dado que o modelo de Erteschik-Shir não é claro quanto ao que deve ser entendido por “tópico” num sentido geral, é difícil estabelecer fronteiras precisas entre o que é e não é um TopC exclusivamente com base neste modelo. Na vasta literatura sobre estrutura informacional, existem diferentes definições de tópico, não havendo uma que reúna consenso geral (cf. Gundel & Fretheim, 2004, e Barbosa, 2005, para uma revisão da literatura). Frequentemente, tópico é definido como a parte da frase que contém informação conhecida no discurso (*discourse-old information*), por se assumir que existe uma correspondência de um para um entre a divisão tópico-foco e a distinção informação conhecida-nova no discurso. No entanto, como ilustra o exemplo (7), tal correspondência nem sempre se verifica.

- (7) I can't find broccoli anywhere. [Crack]<sub>Top</sub> they sell at every corner, but broccoli it's like they don't grow it anymore. (retirado de Vallduví, 1990: 25)  
'eu não consigo encontrar brócolos em lugar nenhum. Crack eles vendem por todo o lado, mas brócolos parece que já não cultivam'

Aqui o NP topicalizado *crack*, embora seja um tópico, não corresponde a informação conhecida, uma vez que não é referido previamente no discurso. Exemplos como este demonstram que, tal como sugerido por Reinhart (1981) e Vallduví (1990), não é necessário que um constituinte corresponda a informação conhecida no discurso para que seja tópico<sup>7</sup>. Não é, por isso, adequado definir-se tópico e foco com base nas noções de informação conhecida e nova.

Seguindo, em parte, as propostas de Chomsky (1971, 1976), Jackendoff (1972) e Zubizarreta (1998), assumimos, no presente trabalho, que foco e tópico devem antes ser definidos em relação à noção discursiva de pressuposição, a qual é aqui entendida como “the set of propositions lexicogrammatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered” (Lambrecht, 1994: 52; nossos sublinhados). Por outras palavras, os elementos contidos na pressuposição não têm

---

<sup>7</sup> Note-se, contudo, que, por razões independentes relacionadas com coesão discursiva, os tópicos são tipicamente informação conhecida no discurso (cf. Reinhart, 1981, para mais detalhes).



necessariamente de corresponder a informação conhecida no discurso, mas antes a informação que possa ser tomada como garantida. Tendo por referência esta noção de pressuposição, podemos definir tópico como constituinte(s) que faz(em) parte da pressuposição associada à frase e foco como a parte não pressuposta da frase (cf. Zubizarreta, 1998 e trabalho subsequente). À luz deste entendimento dos conceitos de tópico e foco, a definição de TopC proposta por Erteschik-Shir (1997, 1999, 2007) pode, assim, ser reformulada do seguinte modo:

- (8) *Tópico cénico*: É um constituinte pressuposto que especifica a localização espaço-temporal do evento ou estado expresso pela frase.

Decorre da definição (8) que, em pares de pergunta-resposta como (9), o XP espaço-temporal assume diferentes estatutos discursivos.

- (9) a. A: Quando acabou a Segunda Guerra Mundial? B: A Segunda Guerra Mundial acabou em 1945.  
 a'. Pressuposição: “A Segunda Guerra Mundial acabou na data x”; Asserção: “data x = ‘em 1945’”  
 b. A: O que aconteceu em 1945? B: Em 1945 acabou a Segunda Guerra Mundial.  
 b'. Pressuposição: “evento x aconteceu em 1945”; Asserção: “evento x = ‘acabou a Segunda Guerra Mundial’”

Em (9a), o PP temporal “em 1945” é foco, visto que corresponde à parte não pressuposta da frase, i.e. a asserção<sup>8</sup>. Em contraste, em (9b), o mesmo PP é um TopC, porque integra a pressuposição associada à frase e especifica a localização temporal em que o evento teve lugar.

De acordo com Erteschik-Shir (1997, 1999, 2007), os TopCs podem ser não só explícitos, como em (9b), mas também implícitos no discurso, como no seguinte exemplo:

<sup>8</sup> Subjacente a esta afirmação está a ideia de que, num par pergunta-resposta, os constituintes não pressupostos, i.e. sob asserção, são os que substituem o elemento *qu-* da pergunta e os constituintes pressupostos são os restantes (cf. em particular Zubizarreta, 1998).



- (10) A: O que se passa? B: Está a chover. [TopC = aqui e agora]

Aqui a asserção “está a chover” é feita em relação a uma localização espaço-temporal que, embora não seja referida explicitamente no discurso, é tomada por garantida: o aqui e agora do locutor. Por este motivo, Erteschik-Shir sugere que em frases como (10) existe um TopC implícito, que tem uma interpretação deíctica. Esta proposta é apoiada por três tipos de evidência. Primeiro, quando proferida num contexto neutro como (10), a frase “está a chover” é sinónima de (11a), mas, crucialmente, não de uma frase como (11b), que remete para uma localização indeterminada.

- (11) a. Está a chover agora aqui.  
b. ??Está a chover agora algures.

Segundo, a afirmação (10) só não é interpretada em relação ao aqui e agora do locutor quando um TopC explícito está presente, como em (12a), ou quando é encaixada num contexto discursivo que induz uma leitura não deíctica, como (12b). Note-se que, mesmo em (12b), há uma localização implícita que é recuperável a partir do contexto linguístico prévio.

- (12) a. A: O que se passa? B: Está a chover em Edimburgo.  
b. A Sofia acabou de chegar a Paris e está a chover. [TopC = em Paris, agora]

Terceiro, o valor de verdade da afirmação (10) pode ser colocado em causa por frases como (13). Tendo em conta que apenas se pode negar algo que faz efetivamente parte da interpretação de uma frase, este facto pode ser tomado como um forte indicador de que a afirmação “está a chover” contém um TopC implícito.

- (13) a. Não, não está a chover agora (mas estava a chover há pouco).  
b. Não, não está a chover aqui (mas está a chover em Almada).





Podemos concluir, deste forma, que existem TopCs implícitos, tal como proposto por Erteschik-Shir (1997, 1999, 2007). Em linha com Lahousse (2003, 2007, 2011), defendemos que estes TopCs podem ser subdivididos em duas categorias: (i) TopCs deíticos, que se referem à localização espaço-temporal do locutor, como em (10), e (ii) TopCs anafóricos, cuja interpretação é determinada pelo contexto linguístico prévio, como é o caso em (12b).

Em síntese, para um constituinte ter o estatuto de TopC, tem de satisfazer duas condições: (i) fazer parte da pressuposição associada à frase e (ii) especificar uma localização. Como foi mostrado acima, este tipo de tópico pode ser quer explícito, quer implícito no discurso.

### 3. O estatuto de tópico cénico dos XPs pré-verbais em inversão locativa

Partindo do trabalho de Lahousse (2003, 2007, 2011) sobre inversão em francês, no presente artigo, defendemos que um XP tem de ser TopC para ser admitido na posição pré-verbal de estruturas de IL em inglês, francês e PE. Esta hipótese faz duas predições verificáveis. Por um lado, prediz que, nas três línguas, os XPs pré-verbais têm de ser pressupostos, mas não necessariamente elementos previamente introduzidos no discurso, para que a IL seja discursivamente adequada. Por outro, prediz que nem todos os XPs interpretados como tópico admitem IL; só aqueles que são TopCs a permitem. Cada uma destas predições será examinada, em detalhe, nas secções abaixo.

#### 3.1. Examinando a predição 1: Os XPs pré-verbais são pressupostos

Em inglês, francês e PE, a IL é possível quer com XPs pré-verbais que correspondem a informação conhecida no discurso (14), quer com XPs que introduzem informação nova (15). Enquanto os primeiros podem coocorrer com sujeitos pós-verbais novos (14) ou conhecidos no discurso (16), os últimos apenas são compatíveis com sujeitos pós-verbais que representem informação nova – cf. (15) e (17). Crucialmente, como será mostrado em seguida, a proposta de que os XPs pré-verbais em IL têm de ser pressupostos consegue explicar a (des)adequação destas diferentes combinações de constituintes pré- e pós-verbais.



- (14) *Constituente pré-verbal conhecido + Constituente pós-verbal novo*
- a. Mary owns a marble coffee table. [On the table is a crystal vase].
- b. Marie possède une table basse en marbre. [Sur la table se trouve un vase de cristal].
- c. A Maria possui uma mesa de café em mármore. [Em cima da mesa está uma jarra de cristal].
- (15) *Constituente pré-verbal novo + Constituente pós-verbal novo*
- a. I had lunch at Marshall Field's yesterday, and you wouldn't believe who was there. [Behind a cluster of microphones was Hillary Clinton, holding yet another press conference]. (retirado de Ward *et al.*, 2002: 1387)
- b. J'ai pris le déjeuner à Marshall Field's hier, et tu ne peux pas imaginer qui était là. [Derrière un groupe de microphones était Hillary Clinton en train de donner une autre conférence de presse].
- c. Almocei na Marshall Field's ontem e nem vais acreditar quem lá estava. [Atrás de um aglomerado de microfones estava a Hillary Clinton a dar mais uma conferência de imprensa].
- (16) *Constituente pré-verbal conhecido + Constituente pós-verbal conhecido*
- a. Tich made tea in a blackened billy and McPherson filled a telescopic cup he took from a pocket. Seated on a form, he helped himself to sugar and then proceeded to cut chips from a tobacco plug, the cold and empty pipe dangling from his lips against the full grey moustache. [Seated opposite him was Tich, waiting for gossip.] (retirado de Birner & Ward, 1998: 159)
- ‘Sentado à sua frente estava Tich, esperando por fofocas’
- b. Et lorsque le journaliste demande à Lewis Hamilton si cette personne est Nicole Scherzinger, le pilote répond d'un simple "oui" (...) Car il y a quelques années, Lewis Hamilton s'imposait en Hongrie. [À ses côtés, se trouvait Nicole Scherzinger].



([http://www.purepeople.com/article/lewis-hamilton-une-victoire-en-hongrie-dedee-a-son-ex-nicole-scherzinger\\_a125428/1](http://www.purepeople.com/article/lewis-hamilton-une-victoire-en-hongrie-dedee-a-son-ex-nicole-scherzinger_a125428/1))

‘Ao seu lado, encontrava-se Nicole Scherzinger’.

c. Esta manhã Barack Obama foi ao Museu do Louvre. À sua chegada, foi cumprimentado pelo diretor do museu, Jean-Luc Martinez, que lhe ofereceu vários livros sobre arte. A visita ao Louvre durou, no total, cerca de duas horas. [Ao lado de Obama durante a visita esteve sempre o diretor do museu, que lhe explicou em detalhe a história por detrás das obras primas em exposição].

(17) *Constituente pré-verbal novo + Constituinte pós-verbal conhecido*

a. Mary owns a big crystal vase. ??[On a/the table is the crystal vase].

b. Marie possède un grand vase de cristal. ??[Sur la/une table se trouve le vase de cristal].

c. A Maria possui uma grande jarra de cristal. ??[Em cima da/de uma mesa está a jarra de cristal].

Consideremos, em primeiro lugar, as estruturas de IL (14) e (16), em que o constituinte em posição pré-verbal é conhecido no discurso. Aqui o XP pré-verbal contém informação mais familiar do que aquela transmitida pelo sujeito pós-verbal por um de dois motivos: ou porque o XP corresponde a informação conhecida e o sujeito a informação nova, como em (14), ou porque a informação transmitida pelo XP é mencionada mais recentemente no discurso (i.e. numa frase mais próxima da IL) do que a do sujeito pós-verbal, como em (16). Deste modo, enquanto a informação em posição pré-verbal pode ser prontamente tomada por garantida, a informação apresentada pós-verbalmente não pode. Por isso, o constituinte pré-verbal assume um estatuto pressuposto nas frases (14) e (16), o que explica a sua adequação discursiva. Esta conclusão é confirmada pelos seguintes testes de pergunta-resposta<sup>9</sup>, que mostram que estas estruturas de IL

<sup>9</sup> Por razões de espaço, apenas são apresentados aqui os testes em PE. Contudo, os mesmos resultados são obtidos em inglês e francês.



só são adequadas em contextos discursivos em que os XPs antepostos fazem parte da pressuposição associada à frase, como (18a) e (19a).

(18) a. A: O que está em cima da mesa? B: Em cima da mesa está [FOC um vaso de cristal].

b. A: Onde está um vaso de cristal? B: ??[FOC Em cima da mesa] está um vaso de cristal.

c. A: O que vê através da fechadura? B: ??[FOC Em cima da / de uma mesa está um vaso de cristal].

(19) a. A: Quem esteve ao lado de Obama durante a visita? B: Ao lado de Obama durante a visita esteve [FOC o diretor do museu].

b. A: Onde esteve o diretor do museu? B: ??[FOC Ao lado de Obama durante a visita] esteve o diretor do museu.

c. A: O que se passou? B: ??[FOC Ao lado de Obama durante a visita esteve o diretor do museu].

Contrariamente ao que acontece nas estruturas de IL (14) e (16), nas frases (15), não existe qualquer diferença entre os constituintes pré- e pós-verbais no que diz respeito à sua familiaridade discursiva, uma vez que ambos introduzem informação nova. Todavia, o contexto linguístico prévio, nomeadamente a sequência “nem vais acreditar *quem* lá estava”, torna claro que o que está a ser assertado é a presença do sujeito “Hillary Clinton” e não a sua localização. Neste contexto discursivo, a informação transmitida pelo constituinte pré-verbal não parece fazer parte da asserção. Pelo contrário, parece poder ser tomada como garantida, i.e. ser pressuposta.

Esta proposta é apoiada por duas provas empíricas. Primeiro, a estrutura de IL (15) pode ser substituída por (20) sem perder o essencial do seu significado. Segundo, e mais importante, esta estrutura não é adequada como resposta a uma questão *out of the blue*, que obriga a que toda a



frase seja interpretada como foco, i.e. como não pressuposta (21).<sup>10</sup>

(20) ... não vais acreditar quem lá estava: a Hillary Clinton.

(21) a. A: Toda a gente estava tão surpresa. O que se passou? B: ??[FOC Atrás de um aglomerado de microfones estava a Hillary Clinton a falar à imprensa].

b. A: Toda a gente estava tão surpresa. O que se passou? B: [FOC A Hillary Clinton estava atrás de um aglomerado de microfones a falar à imprensa].

Crucialmente, o contraste de aceitabilidade entre (15), em que, pelos motivos acima evocados, o PP pré-verbal é [+ pressuposto] e [+ informação nova], e (21a), em que o PP é [- pressuposto] e [+ informação nova], confirma a predição de que o fator que determina se um dado XP anteposto pode ou não legitimar IL é o seu estatuto [ $\pm$  pressuposto] e não o estatuto [ $\pm$  novo no discurso] da informação que veicula<sup>11</sup>.

A proposta de que o constituinte anteposto em IL tem de ser pressuposto dá conta não só da adequação das estruturas (14), (15) e (16), mas também da desadequação de estruturas como (17), em que um constituinte pré-verbal novo é seguido de um constituinte pós-verbal conhecido no discurso. Neste caso, a IL é discursivamente desadequada, porque o XP pré-verbal não é pressuposto e o sujeito pós-verbal não é foco.

Apesar de a evidência apresentada até aqui sugerir que só XPs pressupostos podem ocupar a posição pré-verbal em IL, encontramos (aparentes) exceções a esta regra em textos literários. Frequentemente, estes textos usam estruturas de IL como frase de abertura, tal como ilustram os exemplos (22) retirados do conto *Ali Babá e os quarenta ladrões*. À primeira vista, neste contexto discursivo, nenhum constituinte da frase é pressuposto.

(22) a. Once upon a time . . . in a distant Persian city lived two brothers called Ali Baba

<sup>10</sup> Por motivos que não são claros, o contraste entre (21a) e (21b) parece ser mais forte em francês e inglês do que em PE.

<sup>11</sup> Como observado por um revisor anónimo, esta análise é coerente com trabalho prévio de Costa (2004), que propõe que, nas orações XPVS do PE, o XP não pode ser interpretado como foco.



and Kasim.

(<http://home.in.tum.de/~kirsch/maerchen/englisch/alibaba>)

b. Il y a très longtemps, dans un très lointain pays, l'Arabie, vivaient deux frères, Ali Baba et Kassim.

([http://www.antoineonline.com/Livre\\_Ali\\_Baba\\_Et\\_Les\\_Quarante\\_Voleurs\\_de\\_MarcelinoTroung\\_9782840062271.aspx?productCode=0009782840062271](http://www.antoineonline.com/Livre_Ali_Baba_Et_Les_Quarante_Voleurs_de_MarcelinoTroung_9782840062271.aspx?productCode=0009782840062271))

c. Há muito tempo, numa pequena cidade da Pérsia viviam dois irmãos: Ali Babá e Cassim. (<http://cegolendolivro.blogspot.pt/2011/09/ali-baba-e-os-40-ladros.html>)

Importa notar, contudo, que este tipo de IL em que nada é (aparentemente) pressuposto tem um forte pendor literário. Fora de um contexto literário estruturas deste tipo são menos aceitáveis, tal como mostra (23).<sup>12</sup>

- (23)
- a. John, did you hear the weird report on the evening news?
    - i. A family of tigers is living in a department store.
    - ii. ??In a department store is living a family of tigers.
  - b. Jean, est-ce que tu as écouté le reportage insolite dans le journal?
    - i. Une famille de tigres habite dans un grand magasin.
    - ii. ??Dans un grand magasin habite une famille de tigres.
  - c. João, ouviste a reportagem insólita no jornal da noite?
    - i. Uma família de tigres está a viver numa loja de departamento.
    - ii. ?Numa loja de departamento está a viver uma família de tigres.<sup>13</sup>

Estes dados levantam uma questão relevante: Por que razão são admitidos XPs pré-verbais não pressupostos nas ILs que ocorrem em textos literários? Em linha com Birner & Ward (1998), advogamos que, possivelmente, os XPs pré-verbais não pressupostos são aceites neste contexto,

<sup>12</sup> Contudo, como será explicado mais abaixo a propósito dos exemplos em (24), existem certos contextos não literários muito específicos em que estas estruturas são possíveis.

<sup>13</sup> O contraste de aceitabilidade entre as frases i e ii parece ser mais forte em inglês e francês do que em PE. Apesar deste facto, todos os falantes nativos de PE consultados preferem a frase (23ci) à (23cii).



porque o ouvinte/leitor espera que uma história tenha lugar num determinado cenário espaço-temporal. Trata-se de uma convenção. Como proposto por Birner & Ward (1998: 166), “in the context of the beginning of a story, the notion of a setting may be assumed to be situationally evoked (Prince 1981)”, i.e. saliente no contexto situacional do discurso.<sup>14</sup>

Significativamente, em textos não literários, constituintes pré-verbais (aparentemente) não pressupostos no discurso também admitem IL quando veiculam informação situacionalmente evocada. Por exemplo, um locutor pode apontar para uma mesa numa sala e dizer as frases em (24), mesmo sem qualquer contexto linguístico prévio. Neste caso, embora não seja mencionada no discurso prévio, “mesa” é saliente no contexto extralinguístico em que locutor e interlocutor se encontram, tendo, assim, um estatuto de entidade situacionalmente evocada.

- (24)
- a. John, on that table is a blue pen; could you bring it to me, please?
  - b. Jean, sur cette table se trouve un stylo bleu; est-ce que tu pourrais me l’apporter, s’il te plaît?
  - c. João, em cima daquela mesa está uma caneta azul; podias trazer-ma, por favor?

Seguindo Prince (1981), assumimos que informação situacionalmente evocada constitui informação dada e não nova. Assumimos ainda que os XPs situacionalmente evocados como (22) e (24) têm um estatuto pressuposto, correspondendo a proposições que “the speaker assumes the hearer [...] is ready to take for granted at the time the sentence is uttered” (Lambrecht, 1994: 52). Com base nestas assunções, concluímos que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, os exemplos (22) e (24) estão de acordo com a generalização de que os XPs pré-verbais em IL são pressupostos.

Em conjunto, os dados empíricos apresentados acima fornecem provas robustas de que, como predito, os constituintes em posição pré-verbal têm de ser pressupostos, para que a IL seja

---

<sup>14</sup> Um revisor anónimo propõe que as estruturas em (22) poderão ser reminiscentes de fases anteriores da língua, pelo menos no que diz respeito ao PE, uma vez que XPVS podia ocorrer num contexto *out of the blue* em português clássico até ao séc. XVIII. Embora interessante, esta hipótese não explica a razão pela qual as três línguas em estudo permitem IL com XPs (aparentemente) não pressupostos apenas em certos contextos. Assim, mesmo admitindo que estruturas como (22) ou (24) são reminiscentes de fases anteriores da língua, só poderemos explicar a distribuição destes XPs pré-verbais se assumirmos que estes têm de ser situacionalmente evocados para admitirem IL.



discursivamente adequada. Simultaneamente, os dados apresentados desmentem as hipóteses alternativas que têm sido avançadas na literatura, baseadas na noção de familiaridade informacional. Por um lado, a proposta de que os XPs pré-verbais são informação conhecida no discurso é desmentida pela possibilidade atestada de estes constituintes corresponderem a informação nova, como nos exemplos (15). Por outro, a influente hipótese de Birner e colaboradores (e.g. Birner, 1994, 1996; Birner & Ward, 1998; Ward *et al.*, 2002), segundo a qual (em inglês) a IL requer que o constituinte anteposto represente informação pelo menos tão familiar no discurso quanto aquela transmitida pelo constituinte pós-verbal, é infirmada pela existência de um contraste de aceitabilidade entre pares de frases como (25a) e (25b)<sup>15</sup>. Este contraste demonstra que a combinação de constituintes pré- e pós-verbais novos no discurso nem sempre é aceitável, o que não é previsto por Birner e colaboradores. Como explicado acima, um contraste como o ilustrado em (25) só pode ser explicado se assumirmos que o fator que determina a (in)aceitabilidade de um XP pré-verbal em IL é o seu estatuto [ $\pm$  pressuposto].

- (25) a. *Constituinte pré-verbal novo + constituinte pós-verbal novo*: I had lunch at Marshall Field's yesterday, and you wouldn't believe who was there. [Behind a cluster of microphones was Hillary Clinton, holding yet another press conference]. [= (15a)]
- b. *Constituinte pré-verbal novo + constituinte pós-verbal novo*: A: Why did everybody look so surprised? What happened? B: ??[Behind a cluster of microphones was Hillary Clinton, holding yet another press conference].  
 ‘A: Porque está toda a gente tão surpreendida? O que se passou? B: Atrás de um aglomerado de microfones estava Hillary Clinton a dar mais uma conferência de imprensa’

<sup>15</sup> Usamos aqui exemplos do inglês, uma vez que o trabalho de Birner e colegas se foca exclusivamente nesta língua.





### 3.2. Examinando a predição 2: Os XPs pré-verbais definem obrigatoriamente uma localização

A hipótese de que os XPs antepostos em IL necessitam de ter o estatuto de TopC em inglês, francês e PE prediz que ser pressuposto será uma condição necessária, mas não suficiente para que um XP seja admitido na posição pré-verbal deste tipo de inversão. Além desta, o XP terá de satisfazer uma outra condição: definir uma localização. Esta predição é apoiada por várias provas empíricas, que serão apresentadas e discutidas nesta subsecção.

Uma dessas provas é o facto de a IL ocorrer tipicamente com XPs pré-verbais que especificam uma localização espaço-temporal, como PPs locativos (24), AdvPs que incluem um advérbio de lugar ou de tempo (26), NPs temporais (27), PPs temporais (28) e sintagmas participais com um PP locativo (29) (cf. Birner, 1994, 1996; Birner & Ward, 1998; Cornish, 2005; Lahousse, 2003, 2011; entre outros). Para além de elementos locativos foneticamente realizados, o francês e o PE permitem ainda a anteposição de locativos nulos em estruturas de inversão (cf. Lahousse, 2003, 2011; Sheehan, 2007, 2010).

- (26) a. Here lived Ghandi.  
 b. Ici vivait Ghandi.  
 c. Aqui vivia Ghandi.
- (27) a. Four years later occurred another attempted invasion that, like its predecessors, was a fiasco. (Armstrong, William (1978) *E.L. Godkin: A biography*. New York: SUNY Press, p. 109)  
 ‘Quatro anos mais tarde teve lugar uma nova tentativa de invasão que, como as suas predecessoras, foi um fiasco’  
 b. Un peu plus tard sont arrivés des immigrants d’Europe centrale (Allemands, Suisses) et méridionale (Italiens, Portugais).  
 (<http://www.larousse.fr/archives/grande-encyclopedie/page/8191>)



‘Um pouco mais tarde chegaram os imigrantes da Europa central (alemães e helvéticos) e meridional (italianos e portugueses)’

c. Anos mais tarde apareceram muitos outros, mas esses eram considerados bandidos! (<http://www.junior.te.pt/servlets/Rua?P=Portugal&ID=1101>)

- (28) a. Precisely at nine o’clock came the Princess in the carriage with four horses. (Lang, Andrew (ed.) (2014) *The blue mountains*. London: Sovereign Classic, p. 11)

‘Precisamente às 9 horas veio a Princesa na carruagem com quatro cavalos’

b. À 17 heures est arrivée la vedette de cette année: Jean-Luc Lahaye.

(<http://www.lavoixdunord.fr/region/ecaillon-soleil-chaieur-et-foule-a-la-18e-fete-de-la-fraiseia16b12101n2149597>)

‘Às 17 horas chegou a vedeta deste ano: Jean-Luc Lahaye’

c. Às 10:02 horas, partiu do pódio o concorrente número 1, Miguel Nunes/Victor Calado, em Mitsubishi Lancer X.

([http://www.cdnacional.pt/noticias\\_detalhe.asp?id=4159#.VXHkGM9VhBc](http://www.cdnacional.pt/noticias_detalhe.asp?id=4159#.VXHkGM9VhBc))

- (29) a. Coiled on the floor lay a one-hundred-and-fifty-foot length of braided nylon climbing rope three-eighths of an inch thick. (retirado de Birner & Ward, 1992: 7)

‘Enrolado no chão estava uma corda de escalada de nylon trançado com cento e cinquenta pés de extensão e três oitavos de polegada de espessura’

b. Assis sur la banquette arrière se trouvait un mineur, détenant un passeport qui appartenait au fils aîné du couple. (<http://www.lavoixdunord.fr/region/coquelles-des-migrants-arretes-deux-fois-en-quelques-ia33b48583n2576842>)

‘Sentado no banco traseiro encontrava-se um menor, com um passaporte que pertencia ao filho mais velho do casal’

c. Eram 05h00 de quinta-feira e sentados no chão estavam três irmãos, com idades entre os seis e os nove anos.



(<http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/portugal/detalhe/tres-irmaos-maltratados.html>)

Em PE, a inversão sujeito-verbo sem um elemento pré-verbal foneticamente realizado é possível em dois contextos (cf. em particular Costa, 1998, 2004, e Sheehan, 2007, 2010): (i) em contextos em que o sujeito recebe foco estreito, independentemente do tipo de verbo (30); e (ii) em contextos de foco largo, com um grupo de verbos intransitivos a que Pinto (1997) chama “verbos de inversão” (e.g. ‘chegar’, ‘telefonar’) e que atravessa a tradicional divisão entre verbos inacusativos e inergativos (31). De acordo com Pinto (1997) e Sheehan (2007, 2010), os verbos de inversão selecionam opcionalmente um argumento loco-temporal nulo (LOC), que, em estruturas de inversão como (31a,d), se move para Spec, IP, a fim de satisfazer o EPP. Um dos principais argumentos a favor da proposta de que LOC está presente na derivação de estruturas de inversão sujeito-verbo como (31a) e (31d) é o facto de a ordem VS despoletar uma mudança subtil de significado em contexto de foco largo. Enquanto, em ordens VS, a localização do evento/ação está necessariamente associada ao aqui e agora do locutor (i.e. a resposta ‘chegou o João’ é interpretada como ‘o João chegou aqui’), em ordens SV, existe uma forte preferência por uma interpretação neutra quanto à localização do evento/ação (i.e. a resposta ‘o João chegou’ é entendida como ‘o João chegou algures’) (cf. em particular Sheehan, 2007, 2010). À luz desta evidência, assumimos com Pinto (1997) e Sheehan (2007, 2010) que as estruturas de inversão em contexto de foco largo são legitimadas por LOC e constituem uma manifestação de IL implícita.

- (30) a. A: Quem chegou? B: Chegou o João / ??O João chegou.  
 b. A: Quem falou? B: Falou o João / ??O João falou.  
 c. A: Quem comeu o bolo? B: Comeu(-o) o João / ??O João comeu(-o).
- (31) O que aconteceu?  
 a. Chegou o João. / O João chegou.  
 b. ??Descongelou o frigorífico / O frigorífico descongelou.  
 c. ??Falou o João / O João falou.



d. Telefonou o João / O João telefonou.

Neste trabalho, propomos que, no plano discursivo, LOC funciona como um TopC déítico implícito, uma vez que é tomado por garantido pelo alocutário (i.e. é pressuposto) e é interpretado como estando associado ao aqui e agora do locutor. Em certos contextos, LOC pode ainda assumir a função de TopC anafórico implícito. É isto que acontece em (32), onde a localização do evento é recuperada a partir do contexto linguístico prévio.

- (32) A: Andavam a brincar no parque e resolveram entrar na casa abandonada.  
B: E o que aconteceu?  
A: Apareceu um fantasma. [TopC = ‘na casa abandonada’]

Tal como o PE, o francês tem um tipo de inversão sem qualquer elemento pré-verbal foneticamente realizado, tradicionalmente chamado “inversão absoluta” (cf. Le Bidois, 1952; Gournay, 2006), que constitui uma forma de IL implícita (Lahousse, 2003, 2007, 2011). Esta tem em comum com a IL implícita do PE o facto de apenas ser admitida com um grupo de verbos intransitivos que atravessa a tradicional distinção entre verbos inacusativos e inergativos e parece corresponder, grosso modo, ao grupo de “verbos de inversão”, i.e. ao grupo de verbos intransitivos que seleccionam opcionalmente um argumento loco-temporal nulo, identificados por Pinto (1997).

- (33) *Verbo inacusativo*  
a. Tout le monde s'assoit... [Arrive le chef d'orchestre, Eliahu Inbal, un Israélien...]  
(retirado de Lahousse, 2007: 11-12)  
‘[...] Toda a gente senta-se... Chega o maestro, Eliahu Inbal, um israelita...’  
b. Tout le monde s'assoit... \*[Se brisent les chaises].  
‘Toda a gente senta-se... Partem-se as cadeiras.’

- (34) *Verbo inergativo*



a. On va s'amuser. [Et sonnent les cloches]. (Brouillard, Marcel (1998) *Sur la route de Vaudreuil*. Dorion: FIDES, p. 189)

‘Nós vamos divertir-nos. E tocam os sinos’

b. On va s'amuser. \*[Et pleurent les enfants].

‘Nós vamos divertir-nos. E choram as crianças’

Apesar desta semelhança, a IL implícita do francês difere da do PE em dois aspetos cruciais. Primeiro, ao contrário do PE, o francês só admite IL implícita em registos literários, particularmente em géneros narrativos<sup>16</sup>. Segundo, o francês permite esta inversão apenas quando a localização espaço-temporal do sujeito pós-verbal pode ser recuperada a partir do contexto linguístico prévio, ou seja, quando existe um TopC anafórico implícito (35). Em francês, este tópico é sempre interpretado como “em seguida” (cf. Lahousse, 2003, 2011), tendo, assim, uma leitura exclusivamente temporal.

(35) a. Elle sonne. Arrive une infirmière: “Ah! Mais madame, ce n'est pas l'heure.”

(retirado de Lahousse, 2007: 12)

‘Ela toca. Chega uma enfermeira:...’

b. [Contexto: Início de texto] \*Arrive une infirmière:...

‘Chega uma enfermeira:...’

c. A: Qu'est-ce qui s'est passé? B: \*Est arrivé une infirmière.

‘A: O que aconteceu? B: Chegou uma enfermeira’

Quando considerados em conjunto, os dados sobre o tipo de XPs pré-verbais atestados na IL implícita e explícita do inglês, francês e PE sugerem que, como predito, esta inversão é despoletada por constituintes (realizados ou nulos) que não só são pressupostos, como também definem uma localização espaço-temporal, tal como é característico de TopCs.

<sup>16</sup> Possivelmente, este tipo de IL só ocorre em narrativas, porque o leitor/ouvinte espera que este género textual apresente uma sucessão de eventos numa ordem cronológica. No contexto de narrativas, a noção de ordem cronológica é situacionalmente evocada (Prince, 1981) e, conseqüentemente, a inserção de um advérbio como *ensuite* (‘em seguida’) torna-se redundante.



Significativamente, os XPs espaço-temporais que não especificam uma localização não permitem inversão nestas línguas. Este é o caso do advérbio indefinido *algures* (36) e de advérbios de duração (e.g. “temporariamente” e “permanentemente”) e de frequência (e.g. “frequentemente” ou “raramente”). Como mostrado em (37) e (38), só o PE permite inversão sujeito-verbo quando advérbios como “temporariamente” e “frequentemente” ocupam uma posição pré-verbal. Estas ordens VS não são, porém, despoletadas pelo advérbio; são antes manifestações de inversão “livre”, podendo ocorrer mesmo sem a presença do advérbio. Dado que, ao contrário do PE, o inglês e o francês não têm inversão “livre”, não podem permitir ordens VS se o XP em posição inicial não for capaz de legitimar a inversão da ordem canónica de palavras. É isto que acontece no caso dos advérbios em (37) e (38). Deste modo, os factos ilustrados nos exemplos (36) a (38) fornecem uma segunda prova empírica de que um XP pré-verbal necessita de definir uma localização para legitimar IL.

- (36) a. ??Somewhere appeared John.  
 b. ??Quelque part a apparu Jean.  
 c. ??Algures apareceu o João.
- (37) a. \*Temporally occurred hallucinations.  
 b. \*Temporairement se sont produites quelques hallucinations.  
 c. (Temporariamente) ocorreram algumas alucinações.
- (38) a. \*Often occurred street fights.  
 b. \*Souvent se produisaient des bagarres de rue.  
 c. (Frequentemente) ocorriam lutas de rua.

Um último argumento empírico a favor desta predição pode ser encontrado nos padrões de ordem de palavras do inglês e do francês com XPs não espaço-temporais. Estas duas línguas têm em comum o facto de permitirem inversão sujeito-verbo em orações declarativas matriz exclusivamente em dois contextos: (i) IL e (ii) inversão com um sujeito expletivo – *there* em



inglês (e.g. *there occurred something strange* ‘EXPL ocorreu algo estranho’) e *il* em francês (e.g. *il s’est passé quelque chose bizarre* ‘EXPL passou-se algo estranho’). Tal como a nossa hipótese prediz, nestas línguas, os constituintes pré-verbais que não denotam uma localização espaço-temporal são incapazes de despoletar inversão sujeito-verbo, mesmo quando o seu conteúdo é pressuposto. Esta facto é exemplificado em (39), com um PP instrumental, e em (40), com um AdvP de modo<sup>17</sup>.

- (39) a. A: Who arrived by train? B: \*By train arrived John.  
 b. A: Qui est arrivé par train? B: \*Par train est arrivé Jean.  
 ‘A: Quem chegou de comboio? B: De comboio chegou o João’

- (40) a. A: Who came voluntarily? B: \*Voluntarily came John.  
 b. A: Qui est venu volontairement? B: \*Volontairement est venu Jean.  
 ‘A: Quem veio voluntariamente? B: Voluntariamente veio o João’

Existem, contudo, algumas (aparentes) exceções a esta regra. Tem sido observado em alguns estudos, baseados em extensos *corpora* escritos, que o inglês e o francês permitem estruturas de inversão sujeito-verbo com XPs pré-verbais que não são semanticamente espaço-temporais, nomeadamente AdjPs (41), NPs com uma função predicativa (42) e sintagmas participiais (43) (cf. Birner, 1994, 1996; Birner & Ward, 1998, para o inglês; Lahousse, 2003, 2011, para o francês).

- (41) a. Republican senators on the conference committee expressed outrage when these gimmicks were proposed. [Angriest of all was Judd Gregg.] (Kaiser, Robert (2013). *Act of Congress*. New York: Alfred A. Knopf, p. 361)  
 ‘Mais furioso de todos estava Judd Gregg’

<sup>17</sup> Note-se que, em PE, as frases correspondentes a (39) e (40) são possíveis, visto que esta língua, ao contrário do inglês e do francês, admite inversão “livre”.



b. [...] ils étaient tous très fiers de moi. [Le plus content était mon papa].  
([http://dylane1q43q44.blogspot.pt/2013\\_05\\_01\\_archive.html](http://dylane1q43q44.blogspot.pt/2013_05_01_archive.html))

‘O mais contente de todos era o meu papá.’

(42) a. She is a nice woman, isn't she? [Also a nice woman is our next guest...]  
(retirado de Ward *et al.*, 2002: 1385)

‘Também uma mulher simpática é a nossa próxima convidada’

b. Elle est une talentueuse actrice, n'est-ce pas? [Aussi une talentueuse actrice est notre prochaine invitée.]

‘Também uma mulher simpática é a nossa próxima convidada’

(43) a. Twiggs County Sheriff Darren Mitchum said they have recovered the stolen merchandise and made arrests. "Four people arrested and we've recovered approximately about \$20,000 worth of merchandise," said Mitchum. [Arrested were Condly Warren Ashe Jr., 53, Cory D. Brown, 24, Jeffery Blake Hasty, 30, and Joshua David Mixer, 33.]

(<http://www.13wmaz.com/story/news/local/twiggs/2015/01/07/theft-ring-twiggs-county-four-arrested/21386795/>)

‘Presos foram Condly Warren Ashe Jr., 53, ....’

b. Mes grands-parents repartis, restaient seulement avec nous Millie et mon père.  
(<http://bibliotheq.net/alain-fournier/le-grand-meaulnes/page-42.html>)

‘Partidos os meus avós, ficaram só connosco Millie e o meu pai’

Estas estruturas de inversão têm em comum o facto de, geralmente, terem um XP pré-verbal que repete um elemento mencionado ou dedutível a partir do contexto linguístico antecedente, situando o sujeito pós-verbal em relação a um grupo de entidades no discurso prévio. Por exemplo, em (41a), o AdjP “angriest of all” situa “Judd Gregg” no grupo de senadores Republicanos que estavam indignados. Do mesmo modo, em (42a), o NP “also a nice woman” situa o sujeito pós-verbal “our next guest” na classe a que pertence a mulher mencionada na frase





anterior, a classe de “nice women”. Por último, em (43a), o VP pré-verbal “arrested” situa “Condy Warren Ashe Jr., Cory D. Brown, Jeffery Blake Hasty and Joshua David Mixer” no grupo de quatro pessoas presas em Twiggs County. À luz destes factos, podemos concluir que, embora não sejam elementos espaço-temporais num sentido estrito, estes XPs pré-verbais têm uma função locativa, na medida em que remetem para uma localização abstrata, nocional. Como, além de terem uma função locativa, estes XPs são pressupostos, acabam por funcionar exatamente como um TopC.

Crucialmente, tal como esta análise prediz, quando um XP não é intrinsecamente espaço-temporal e não serve uma função “locativa” em contexto, a inversão sujeito-verbo é bloqueada. Consideremos as frases em (44):

- (44) a. I went to the police station yesterday, and you wouldn't believe who was there. ??[Arrested were Condy Ashe Jr. and Cory Brown].  
 ‘Eu fui à esquadra ontem e não vais acreditar quem lá estava. Presos estavam Condy ...’
- b. I went to the police station yesterday, and you wouldn't believe who was there. [Behind a cluster of microphones were Condy Ashe Jr. and Cory Brown] speaking to the media.  
 ‘Eu fui à esquadra ontem e não vais acreditar quem lá estava. Atrás de um aglomerado de microfones estavam Condy Ashe Jr. e Cory Brown a falar com os media’

Em (44a), o VP pré-verbal “arrested” não está associado a nenhuma entidade mencionada ou dedutível no discurso prévio, o que o impede de localizar o sujeito pós-verbal em relação a qualquer entidade. Devido a este facto, o VP não pode funcionar como um TopC, o que leva a que a inversão, neste contexto, seja discursivamente desadequada. Significativamente, quando a posição inicial da frase é preenchida por um TopC, como o PP locativo “behind a cluster of microphones”, a inversão torna-se aceitável, como mostrado em (44b). Note-se que, quer em (44a), quer em (44b), o XP pré-verbal corresponde a informação nova, que não está sob asserção.



O que diferencia estas frases é que o PP em (44b) tem uma função locativa, ao passo que o VP em (44a) não a tem. Assim, a comparação entre (44a), (44b) e (43a) torna claro que a desadequação de (44a) não é causada nem pelo facto de o VP não ser intrinsecamente locativo, nem pelo facto de introduzir informação nova. A sua desadequação discursiva é antes fruto do facto de o VP não ter uma função locativa naquele contexto discursivo específico e, conseqüentemente, ser incapaz de funcionar como um TopC. Estes dados apoiam, assim, a proposta de que os XPs não espaço-temporais atestados em estruturas de inversão em inglês e francês são TopCs e, subseqüentemente, confirmam que, nestas línguas, a ordem VS só é compatível com XPs pré-verbais (referenciais) que definem uma localização e são interpretados como TopCs.

Em suma, a partir dos dados empíricos do inglês, francês e PE apresentados ao longo de toda a secção 3, podemos concluir, por um lado, que os XPs pré-verbais têm de ser pressupostos, para que a IL seja discursivamente adequada (predição 1), e, por outro, que apenas os XPs pressupostos que definem uma localização e, portanto, são TopCs permitem IL (predição 2). A evidência empírica apresentada comprova ainda que ser TopC é uma condição não só necessária, como também suficiente para um XP pré-verbal poder participar em estruturas de IL. Independentemente de ser argumento ou adjunto do verbo ou de corresponder a informação nova ou conhecida no discurso, qualquer TopC pode despoletar IL nas três línguas em estudo.

#### **4. Explicações para as diferenças entre inglês, francês e PE**

Apesar de o inglês, francês e PE terem em comum o facto de permitirem IL exclusivamente com TopCs antepostos, existem acentuadas diferenças entre as três línguas quanto aos subtipos de TopCs que admitem. Tal como ilustrado no quadro 1, que sintetiza observações feitas em 3, o inglês é a língua mais restritiva das três analisadas, uma vez que apenas permite IL com TopCs explícitos. O PE, por oposição, admite IL com todo o tipo de TopCs, sendo, por isso, a língua em que este tipo de inversão é mais produtivo. Entre estes dois polos opostos encontra-se o francês. Nesta língua, a IL pode ocorrer não só com TopCs explícitos, mas também com alguns



implícitos, nomeadamente com TopCs anafóricos. Como será explicado na presente secção, estas diferenças interlinguísticas têm a sua origem em fatores morfossintáticos.

<b>Estrutura de IL</b>	<b>Inglês</b>	<b>Francês</b>	<b>PE</b>
TopC explícito VS	✓ Mary owns a marble coffee table. [On the table is a crystal vase].	✓ Marie possède une table basse en marbre. [Sur la table se trouve un vase de cristal].	✓ A Maria tem uma mesa de café em mármore. [Em cima da mesa está um jarra de cristal].
TopC <sub>{+anafórico}</sub> implícito VS	✗ *The door slowly opens and [appears a man in his sixties].	✓ Une porte s'ouvre doucement et [apparaît un homme d'une soixantaine d'années].	✓ A porta abre-se lentamente e [aparece um homem com uns sessenta anos].
TopC <sub>{+deítico}</sub> implícito VS	✗ A: What happened? B: *[Died Prince].	✗ A: Qu'est-ce qui s'est passé? B: *[Est mort Prince].	✓ A: O que aconteceu? B: [Morreu o Prince].

Quadro 1: Configurações de IL permitidas em inglês, francês e PE

As diferenças entre PE, por um lado, e francês e inglês, por outro, parecem estar relacionadas com uma diferença macro-paramétrica: o facto de estas línguas fixarem distintos valores para o Parâmetro do Sujeito Nulo. Quando analisamos o comportamento das línguas românicas de sujeito nulo consistente<sup>18</sup>, de línguas de sujeito obrigatório, como o inglês e o francês, e, sobretudo, de línguas de sujeito nulo parciais, como o Português do Brasil (PB) e o Caboverdiano, em relação à inversão sujeito-verbo (descrito, por e.g., em Avelar & Cyrino, 2008; Costa, 2004; Costa & Pratas, 2004; Costa & Figueiredo Silva, 2006; Sheehan, 2007; Nicolis, 2008), torna-se claro que o movimento de um LOC deítico para a posição pré-verbal, Spec, IP, só é possível em línguas que admitem sujeitos expletivos nulos. Isto provavelmente deve-se ao facto

<sup>18</sup> Para uma breve caracterização de línguas de sujeito nulo consistente e parcial e de línguas de sujeito obrigatório, ver notas 4 e 5.



de, nestas línguas, o EPP não requerer material foneticamente realizado em Spec, IP, ao contrário do que acontece em línguas sem sujeitos nulos expletivos. À luz destes factos, propomos, em linha com Sheehan (2007), que o LOC deítico e, subsequentemente, a IL com TopC<sub>[+deítico]</sub> implícito é impossível em inglês e francês, porque ambas são línguas do sujeito obrigatório e, consequentemente, requerem que o EPP seja satisfeito por material foneticamente realizado. O PE, em contraste, não tem de observar esta exigência, pelo que permite que sujeitos nulos e LOC (deítico) ocupem Spec, IP. A diferença entre as três línguas relativamente a IL implícita com um TopC deítico é, assim, fruto de um fator sintático.

Por seu lado, o contraste entre o inglês e o francês no que diz respeito à possibilidade de inversão com TopCs anafóricos implícitos deve-se possivelmente a fatores morfológicos, mais especificamente, ao facto de o francês ter uma morfologia de tempo mais rica do que o inglês. Subjacente a esta proposta estão duas assunções: (i) a de que a IL implícita do francês é despoletada pelo movimento para Spec, IP de uma forma fraca de LOC, cuja interpretação tem de ser estabelecida anaforicamente, e que, no plano discursivo, funciona como um TopC anafórico; e (ii) a de que, como proposto por Lahousse (2003, 2007, 2011), nestes casos, a morfologia de tempo tem a função de indicar a ligação temporal entre a oração em que ocorre a inversão e o contexto prévio, permitindo que um TopC anafórico implícito estabeleça uma relação (espácio-)temporal com o contexto antecedente. Tendo em conta estas assunções, é razoável propor-se que o contraste entre o francês e o inglês quanto a TopCs anafóricos implícitos está relacionado com o facto de o francês ter uma morfologia de tempo mais rica do que o inglês, que torna possível a um TopC implícito estabelecer a necessária ligação temporal com o contexto linguístico prévio.

Deste modo, os contrastes interlinguísticos em relação aos XPs pré-verbais admitidos em IL parecem ser motivados exclusivamente por fatores morfossintáticos. No plano pragmático-discursivo, não encontramos quaisquer assimetrias nas línguas em estudo. Em todas elas, a IL parece estar sujeita unicamente a duas condições: (i) o XP pré-verbal tem de ser obrigatoriamente um TopC e (ii) o sujeito pós-verbal necessita de ser interpretado como (parte d) o foco.



## 5. Conclusão

Em conclusão, as noções de argumento, familiaridade informacional e topicalidade, que têm sido recorrentemente usadas na literatura para descrever as propriedades dos XPs antepostos em IL, não conseguem dar conta de todos os padrões de comportamento deste tipo de inversão em inglês, francês e PE. Só a generalização de acordo com a qual os XPs pré-verbais são TopCs consegue prever e explicar o comportamento da IL nestas línguas. Os dados empíricos apresentados e discutidos neste trabalho indicam que ser TopC é não só uma condição necessária, mas também suficiente para um XP ser admitido na posição pré-verbal em IL. Estes dados mostram ainda que a IL é um fenómeno mais abrangente do que geralmente assumido. Além das estruturas tradicionalmente classificadas como IL, nas três línguas em estudo, encontramos outras construções de inversão sujeito-verbo que são legitimadas por um TopC e que, por isso, constituem formas de IL, nomeadamente (i) as estruturas de inversão do inglês e do francês cujos XPs pré-verbais não são intrinsecamente espaço-temporais (e.g. sintagmas adjetivais e participiais), mas que remetem para uma localização abstrata, nocional em contexto; (ii) os casos de “inversão absoluta” em francês; e (iii) as estruturas de inversão “livre” que ocorrem em contextos de foco largo em PE. Parece, assim, existir uma forte correlação entre TopCs e inversão sujeito-verbo interlinguisticamente. Por este motivo, será relevante alargar o estudo da relação entre TopCs e inversão a outras línguas em trabalhos futuros.

## Referências

- Ambar, Maria Manuela (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Avelar, Juanito & Sonia Cyrino (2008) Locativos preposicionados em posição de sujeito: Uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Vol. 3, pp. 55-75.



- Barbosa, Joaquim (2005) Foco e tópico: Algumas questões terminológicas. In Graça Rio-Torto, Olívia M. Figueiredo & Fátima Silva (eds.), *Estudos em homenagem de Mário Vilela*. Porto: Faculdade de Letras da U. Porto, pp. 339-351.
- Birner, Betty & Gregory Ward (1998) *Information status and noncanonical word order in English*. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins.
- Birner, Betty (1994) Information status and word order: An analysis of English inversion. *Language* 70, pp. 233-259.
- Birner, Betty (1996) *The discourse function of inversion in English*. Nova Iorque / Londres: Routledge.
- Bresnan, Joan (1994) Locative inversion and the architecture of Universal Grammar. *Language* 70, pp. 72-131.
- Chomsky, Noam (1971) Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In Danny Steinberg & Leon Jakobovits (eds.), *Semantics: An interdisciplinary reader in philosophy, linguistics and psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.183-216.
- Chomsky, Noam (1976) Conditions on rules of grammar. *Linguistic Analysis* 2, pp. 303- 351.
- Coopmans, Peter (1989) Where stylistic and syntactic processes meet: Locative inversion in English. *Language* 65, pp. 728-51.
- Cornish, Francis (2005) A cross-linguistic study of so-called “locative inversion”: Evidence for the Functional Discourse Grammar model. In Casper de Groot & Kees Hengeveld (eds.), *Morphosyntactic expression in Functional Grammar*. Berlin & Nova Iorque: Mouton de Gruyter, pp. 163-202.
- Costa, João & Fernanda Pratas (2004) Capeverdean Creole: Some parametric values. In Mauro Fernández, Manuel Fernández-Ferreiro & Nancy Vásquez Veiga (eds.), *Los criollos de base ibérica: ACBLPE 2003*. Madrid: Iberoamericana, pp. 127-138.
- Costa, João & Maria Cristina Figueiredo Silva (2006) On the (in)dependence relations between syntax and pragmatics. In Valéria Molnár & Susanne Winkler (eds.), *The architecture of focus*. Berlin: Walter de Gruyter, pp. 83–104.
- Costa, João (1998) *Word order variation: A constraint-based approach*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Leiden.



- Costa, João (2004) *Subject positions and interfaces. The case of European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Culicover, Peter & Susanne Winkler (2008) English focus inversion. *Journal of Linguistics* 44, pp. 625-658.
- Erteschik-Shir, Nomi (1997) *The dynamics of focus structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Erteschik-shir, Nomi (1999) Focus structure and scope. In Georges Rebuschi & Laurice Tuller (eds.), *The grammar of focus*. Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins, pp. 119-150.
- Erteschik-Shir, Nomi (2007) *The syntax/discourse interface: Information structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gournay, Lucy (2006) Qu'est-ce qui distingue l'inversion absolue de l'inversion locative en français? *Lingvisticae Investigationes* 29 (1), pp. 91-102.
- Gundel, Jeanette K. & Thorstein Fretheim (2004) Topic and focus. In Laurence Horn & Gregory Ward (eds.), *Handbook of Pragmatics*. Oxford: Blackwell, pp. 175-196.
- Jackendoff, Ray (1974) *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Jones, Michael A. (1996) *Foundations of French syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kratzer, Angelika (1989) Stage-level and individual-level predicates. In *Papers on quantification*. Amherst: Department of linguistics, University of Massachusetts.
- Lahousse, Karen (2003) *The distribution of postverbal nominal subjects in French. A syntactic, semantic and pragmatic analysis*. Dissertação de doutoramento, Université de Louvain e Université Paris 8.
- Lahousse, Karen (2007) Implicit stage topics in French: A case study. *Discours(e)* 1, pp. 1-18.
- Lahousse, Karen (2011) *Quand passent les cigognes. Le sujet nominal postverbal en français contemporain*. Paris: Presses Universitaires Vincennes.
- Lambrecht, Knud (1994) *Information structure and sentence form*. Cambridge: Cambridge University Press.



- Le Bidois, Robert (1952) *L'inversion du sujet dans la prose contemporaine (1900-1950)*. Paris: Artrey.
- Levin, B. & M. Rappaport Hovav (1995). *Unaccusativity at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Nicolis, Marco (2008) The null subject parameter and correlating properties: The case of Creole languages. In Theresa Biberauer (ed.), *The limits of syntactic variation*. Amesterdão: John Benjamins, pp. 271-294.
- Pereira, Célia (1998) *Inversão locativa em português*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- Pinto, Manuela (1997) *Licensing and interpretation of inverted subjects in Italian*. Dissertação de doutoramento, Utrechts Instituut voor Linguistiek.
- Prince, Ellen (1981) Toward a taxonomy of given/new information. In Peter Cole (ed.), *Radical pragmatics*. Nova Iorque: Academic Press, pp. 223-254.
- Reinhart, Tanya (1981) Pragmatics and linguistics: An analysis of sentence topics. *Philosophica* 27, pp. 53-94.
- Riegel, Martin, Jean-Christophe Pellat & René Rioul (1994). *Grammaire méthodique du français*. Paris: Quadrigue/ PUF.
- Rizzi, Luigi & Ur Shlonsky (2006) Satisfying the subject criterion by a non subject: English locative inversion and heavy NP shift. In Mara Frascarelli (ed.), *Phases of interpretation*. Berlin / Nova Iorque: Mouton de Gruyter, pp. 341-362.
- Sheehan, Michelle (2007) *The EPP and null subjects in Romance*. Dissertação de doutoramento, Newcastle University.
- Sheehan, Michelle (2010) 'Free' inversion in Romance and the Null Subject Parameter. In Theresa Biberauer et al. (eds.), *Parametric variation: Null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 231-262.
- Stowell, Tim (1981) *Origins of phrase structure*. Dissertação de doutoramento, MIT.
- Strawson, Peter F. (1964) Identifying reference and truth values. *Theoria* 3, pp. 96-118.
- Vallduví, Enric (1990) *The informational component*. Dissertação de doutoramento, University of Pennsylvania.





Ward, Gregory, Betty Birner & Rodney Huddleston (2002) Information packaging. In Rodney Huddleston & Geoffrey K. Pullum (eds.), *The Cambridge grammar of the English language*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1363-1447.

Zubizarreta, Maria Luiza (1998) *Prosody, focus, and word order*. Cambridge, MA: MIT Press.

